



Uma Vida Dedicada à CEFALÉIA

Tudo começou com uma dor de cabeça... Desde criança o Dr. Edgard Raffaelli Jr. tinha uma cefaléia do tipo tensional episódica que se tornou crônica, a partir dos 19 anos, e foi seguida, no decorrer dos anos, por migrânea sem aura, cefaléia em salvas e cefaléia cervicogênica.

Como na época a cefaléia não recebia tanta importância pelos médicos, ele decidiu enfrentar sozinho a sua inimiga, buscando, através dos livros, as armas para combatê-la.

Em seu 3º ano da Faculdade de Medicina na USP, em 1956, o Dr. Raffaelli começou a se aprofundar neste assunto e, em 1959, quando se formou pela FMUSP, já estava mais do que decidido sobre a sua especialização, optando pela residência de

Neurologia e Neurocirurgia, no Hospital das Clínicas da FMUSP. Em 1973 recebeu o título de Doutor em Medicina pelo Departamento de Neuropsiquiatria da FMUSP.

Foi através de muito estudo sobre cefaléia que o Dr. Raffaelli transformou o seu ponto fraco em seu ponto forte, resolvendo não somente o seu problema, mas o de muita gente, como vem fazendo. Hoje, com 68 anos e 40 anos de profissão, o Dr. Raffaelli não carrega mais a dor de cabeça, mas uma bagagem profissional que fez dele o "cabeça" da

Cefaléia no Brasil, sendo reconhecido também no exterior.

Além de ser o organizador e fundador das Sociedades Brasileira (1976-1978) e Internacional (1980-1982) de Cefaléia, ele é membro titular da Academia Brasileira de Neurologia, da American Association for the Study of Headache e da Sociedade Internacional de Cefaléia (fez parte da sua diretoria até 1997). É ainda Consultor Científico de três entidades: da Sociedade Brasileira de Cefaléia, da ALADEC (Associação Latino Americana para o Estudo da Cefaléia) e do Departamento de Semiologia da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo.

Por tudo isso e muito mais, convidamos o Dr. Raffaelli a nos contar um pouco sobre sua experiência e a nos traçar um quadro da cefaléia no Brasil e no mundo. Veja na entrevista a seguir.

M&C-Como surgiu a Sociedade Brasileira de Cefaléia?

Dr. Raffaelli- Comecei a freqüentar os Congressos Internacionais de Cefaléia em 1973, em Barcelona, e, a partir daí, minha rotina era quatro reuniões de cefaléia por ano (duas na Europa e duas nos Estados Unidos), enquanto aqui no Brasil esse estudo continuava parado. Aliás, a primeira vez que outro brasileiro apareceu em congresso de cefaléia foi em 1982, quando o neuropediatra Ozir Scarante freqüentou junto comigo o Congresso do *Migraine Trust* de Londres.

"... o mais importante foi disseminar o estudo da cefaléia por todo Brasil e sermos hoje o 4º mais importante grupo de cefaléia no mundo".

Em 1976, pedi ao Dr. Julio Casoy, que era médico do Laboratório Sandoz, que me avisasse se encontrasse no Brasil outros médicos que se dedicassem ao assunto como eu; alguns meses depois ele me deu os nomes do Dr. Wilson Farias Silva, de Recife, e Dr. Gilberto Rebello de Mattos, de Salvador. Daí, entrei em contato para organizar a Sociedade Brasileira de Cefaléia e fundamos a entidade.

M&C- Quando foi fundada e onde?

Dr. Raffaelli- Em 17 de maio de 1978, na minha clínica, à Av. Eusébio Matoso 366, São Paulo.

M&C- Quais as conquistas dessa associação?

Dr. Raffaelli- Conseguimos a união dos estudiosos da cefaléia, mas o mais importante foi disseminar o estudo da cefaléia por todo Brasil e sermos hoje o 4º mais importante grupo de cefaléia NO MUNDO.

M&C- No início da fundação da Sociedade, como o assunto era visto ?

Dr. Raffaelli- Em 1978 a cefaléia era mal vista nos meios médicos, porque as informações e a sua importância científica não sensibilizavam e, muitas vezes, nem chegavam ao conhecimento do médico brasileiro. Por outro lado, médicos que, como eu, tinham um raciocínio baseado na neurotransmissão, para interpretar os fatos relatados pelo paciente e para medicá-lo, não eram compreendidos, porque, embora a neurotransmissão nas décadas de 60 e 70 fosse assunto comum nas discussões sobre cefaléia na Europa e nos Estados Unidos, no Brasil ela era verdadeiramente ignorada (e infelizmente a neurotransmissão ainda não se tornou uma ciência de conhecimento obrigatório

para o nosso médico). É claro que os erros cometidos, enquanto se tentava entender a neurotransmissão, eram grandes, mas foram erros que compensaram, porque ajudaram a pavimentar o caminho para os excelentes resultados que obtemos hoje no tratamento das cefaléias.

Estudos sobre a Cefaléia

M&C- E como a Cefaléia está sendo vista hoje?

Dr. Raffaelli- Hoje a cefaléia é encarada como um dos itens mais importantes da Neurologia, o que pode ser evidenciado pela posição de destaque que ela ocupa nos Congressos da especialidade, desde 1993, ano em que foi escolhida como o assunto de maior interesse para ser discutido no

os americanos, 2 a 4 ao ano; o inglês (do *Migraine Trust*), nos anos pares; o da Sociedade Internacional de Cefaléia, nos anos ímpares; o do Grupo de Estudo da Cefaléia Cervicogênica, anual; o da Federação Européia de Cefaléia, a cada 2 anos; o italiano, anual; o da Sociedade Brasileira de Cefaléia, anual.

M&C-Como está sendo a participação dos médicos brasileiros nesses congressos?

Dr. Raffaelli- Em todos esses Congressos a presença brasileira é marcante. Nos dois últimos Congressos Internacionais (junho de 1998) o de Seefeld na Áustria (Cefaléia Cervicogênica) e o da ilha de Corfu, na Grécia (Federação Européia de Cefaléia), o Brasil estava bem representado, por-

“...somos um país que já está conhecido pela sua dedicação a esta patologia tão freqüente, mas ainda tão pouco estudada fora dos meios especializados.”

Congresso da Academia Brasileira de Neurologia em Fortaleza.

M&C-Qual a diferença do tratamento do assunto no Brasil e no exterior?

Dr. Raffaelli- Não há diferença, a não ser pelos estudos de alta tecnologia com recursos de que não dispomos aqui. No que diz respeito à prática do estudo e tratamento das cefaléias, estamos equiparados aos Estados Unidos e à Europa.

M&C- Quais são os congressos mais importantes?

Dr. Raffaelli- Os mais importantes são

que dois brasileiros (Maurice Vincent do Rio de Janeiro e Jaime Maciel de Campinas) apresentaram trabalhos e posters e eu mesmo fui “*Chairman*” de sessão científica. Éramos quatro brasileiros (o quarto era o colega Elcio J. Piovesan de Curitiba). Isto mostra que não somos um país “emergente” no campo da cefaléia, como a Grécia o é - somos um país que já está conhecido pela sua dedicação a esta patologia tão freqüente, mas ainda tão pouco estudada fora dos meios especializados.

M&C-Qual o cenário da cefaléia a nível global?

Dr. Raffaelli- Atualmente, é um estudo em expansão geométrica, por exigência dos próprios pacientes e pelo número crescente de neurologistas que se dedicam à ele.

M&C- Existe algum conceito errado da população sobre esse assunto?

Dr. Raffaelli- A população geral ainda tem conhecimentos medievais sobre cefaléias. Por isso, um dos alvos da SBCE (e também de outras Sociedades no exterior) é disseminar conhecimentos atuais sobre o assunto. O maior inimigo desse intuito, às vezes, é a própria mídia, que freqüentemente publica informações truncadas, distorcidas, falsas (raramente de acordo com a verdade atual) e só fala de enxaqueca, como se esta fosse a única cefaléia que existe. A primeira pergunta que um repórter faz é sempre: "O que há de novidade em enxaqueca?", na busca de um fato sensacionalista. E o mesmo repórter que quer saber da "novidade" geralmente nada sabe sobre as bases da cefaléia. Se o médico entrevistado procura captar o interesse do repórter aumentando os seus conhecimentos, a resposta habitual (com raras exceções) é uma cooperação integral do profissional da imprensa.

M&C -Acredita que este veículo de comunicação da Sociedade possa melhorar o nível de informação da classe?

Dr. Raffaelli- Sem dúvida. **Migrêneas & Cefaléia** ajudou a impulsionar o estudo da cefaléia no Brasil. Quem criou "Migrêneas e Cefaléias" e lhe deu este nome fui eu mesmo, em

1994, quando Presidente da SBCE. Até então a SBCE só tinha um boletim, que era escrito exclusivamente para os sócios, e, como precisávamos de mais espaço para chegarmos a todos os neurologistas, contatei o Laboratório Glaxo que prontamente se dispôs a editar um noticiário sobre cefaléia para os neurologistas brasileiros. Naquela época, o nome Migrânea

"Não trate o que você não estuda".

ainda não estava bem difundido; por isso fizemos questão de dar esse nome ao periódico.

M&c- Como vê a iniciativa da GLAXO em patrocinar este veículo?

Dr. Raffaelli- A GLAXO tem a gratidão e o reconhecimento da SBCE, principalmente por continuar mantendo a sua cooperação conosco.

M&c- Um recado para os seus colegas:

Dr. Raffaelli- Não trate o que você não estuda. Se cefaléia o aborrece, encaminhe o paciente que o procurou por engano a um colega neurologista que, mesmo sem ser cefaliatra, tenha boas noções de tratamento e acompanhamento das cefaléias primárias.

A era do médico onisciente e onipotente acabou. O próprio leigo já aprendeu que a Medicina é um estudo tão vasto, que ninguém pode saber

tudo e que, quando um médico o encaminha a um colega que pode tratar com melhor conhecimento de causa a cefaléia que o aflige, o médico está dando um exemplo de humildade e honestidade, raro hoje em dia.

Praticamente em todas as cidades médias do Brasil há algum neurologista interessado em cefaléia, e, em muitas delas, há membros da SBCE. Esses médicos são a garantia de que a cefaléia crônica, que é um dos motivos mais freqüentes a levar pacientes para consultas, venha em pouco tempo a ocupar o lugar que merece como patologia de estudo obrigatório para neurologistas e clínicos.

Cerca de 20% da população mundial tem cefaléia que precisa ser tratada por médicos. Esta porcentagem gera, no Brasil, 30 milhões de cefalêicos, necessitando de uma orientação médica adequada. Na minha opinião, a primeira linha de atendimento é a dos clínicos gerais, para os quais a SBCE sempre se colocou à disposição, para transmitir conhecimentos e "novidades", em reuniões realizadas de norte a sul do país. O clínico pode resolver a maior parte dos casos de cefaléia que atende, bastando para isso aprender a lidar a contento com cefaléias primárias. A segunda linha de atendimento é o neurologista, partindo do pressuposto de que esse neurologista tenha treinamento em cefaléia. A última linha é o cefaliatra, neurologista dedicado à Cefaliatria e que tem por obrigação (quando possível) resolver os casos difíceis que o clínico e o neurologista não puderam resolver.